



UM CORPO ESTRANHO NA QUADRA DE AULA: análise da negação do corpo gay nas aulas de Educação Física

Mesaque Silva Correia – Universidade Federal do Piauí –
UFPI/GEPEEFE/mesaquecorreia@bol.com.br

Joanna Hariel de Almeida Carvalho - Universidade Federal do Piauí – UFPI/GEPEFE
joannahariel@hotmail.com

RESUMO:

Este estudo teve como objetivo verificar como se processa a atuação do professor de Educação Física junto a alunos homoafetivos. Para alcançar os objetivos propostos, nos apropriamos dos pressupostos teóricos e metodológicos da pesquisa qualitativa do tipo descritiva. Como técnica de coleta de dados, utilizamos a entrevista semiestruturada que foi realizada com 10 (dez) professores de Ed. Física que desenvolvem suas atividades docentes em escolas públicas estaduais da cidade de Macapá – AP. Os dados coletados foram submetidos à análise clássica de conteúdos proposta por Bardin (2011), com a finalidade de sintetização de categorias de análises. Este trabalho revela-nos que, no que tange as aulas de Educação Física, a existência de comportamentos e atitudes preconceituosas e discriminatórias contra os alunos homoafetivos. Encontramos nas escolas, educadores que se dizem (e se sentem) comprometidos com o seu fazer profissional, mas mostram-se cegos para as suas ações, principalmente quando questionados sobre as ações didáticas pedagógicas estabelecidas na quadra de aula junto aos alunos homoafetivos. Portanto, conclui-se a não existência de tratos pedagógicos nas aulas de Ed. Física para as atividades corporais referentes à questão da homoafetividade, mesmo todos os professores verbalizarem ser cientes da presença do homoafetivo em suas aulas.

PALAVRAS – CHAVE: Educação Física Escolar, Corpo, Sexualidade.

ABSTRACT:

This study had the objective of verifying how the physical education teacher 's work is performed next to homoaffective students. In order to reach the proposed objectives, we appropriate the theoretical and methodological assumptions of qualitative research of the descriptive type. As a data collection technique, we used the semistructured interview that was performed with 10 (ten) Physical Ed teachers who develop their teaching activities in state public schools in the city of Macapá - AP. The collected data were submitted to the classical content analysis proposed by Bardin (2011), for the purpose of synthesizing categories of analysis. This work reveals that, in the case of Physical Education classes, the existence of discriminatory and discriminatory behavior and



attitudes against homoaffective students. We find in schools, educators who say (and feel) committed to their professional work, but are blind to their actions, especially when asked about the pedagogical didactic actions established in the classroom with homoaffective students. Therefore, it is concluded that there is no pedagogical treatment in Physical Ed classes for body activities related to homoaffectivity, even if all teachers are verbalized to be aware of the presence of the homoeffective in their classes.

KEY WORDS: School Physical Education, Body, Sexuality.

INTRODUÇÃO:

A tempos que estudiosos das Ciências Sociais e demais áreas de conhecimento denunciam o caráter arbitrário da dominação masculina em relação às orientações sexuais diversas, sobretudo quando se leva em conta que as orientações sexuais diversas historicamente tem sido alvo de negligência e marginalização, deixando de desconsiderar os valores e os méritos das diferentes formas de expressões afetivas e eróticas do ser humano, por apresentarem como uma ameaça, aos padrões heterossexuais de ser e viver.

Por esse motivo, sempre me amargou as formas pelas quais os homossexuais são compreendidos pelo imaginário social, principalmente por sua existência ser considerada um fato social, mas ser tratada frequentemente como um tabu na sociedade.

Ao estudar a literatura gay no Brasil, tenho observado que as relações homossexuais acontecem na maioria das sociedades na margem da marginalidade ou no invisível da privacidade do segredo. Muito embora, as discussões referentes à sexualidade em território brasileiro sejam antigas, complexas e, extremamente polêmicas. Porém, ainda que os resultados dessas discussões sejam quase que invisíveis no plano social, são necessárias para a oferta de uma educação igualitária e compromissada com a formação de um sujeito que seja capaz de compreender e aceitar as diferenças sexuais.

Enquanto educadores progressistas, compreendemos a instituição escolar como um palco onde todas as contradições sociais se encontram, cabendo a cada agente escolar, de forma individual ou coletiva, estruturar processos educativos que caminhem no sentido contrário a qualquer tipo de discriminação. Isto significar que temos o desafio de conjecturarmos modelos educativos democráticos em que a igualdade de oportunidade prevaleça frente à igualdade legal, como preconiza o artigo 5 da Constituição Federal. Pois em um país com tantas desigualdades e exclusões



sociais como o Brasil, não é apropriado tratar de maneira igual pessoas que são historicamente diferentes.

Ao exprimir este ponto de vista, não estamos negando que no Brasil, vivemos uma época, marcada por avanços em relação aos direitos homossexuais — projetos de leis contra a discriminação, legalização da união estável e casamento de pessoas do mesmo sexo, concessões de auxílio saúde e pensão por morte do companheiro, são alguns exemplos. Entretanto, é inegável que vivenciamos também, ondas de temível retrocesso — como projeto que propunha alterar a orientação sexual, conhecido como “cura gay”.

No plano educacional, esta dicotomia também se faz presente, nos documentos legais como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996, em seu artigo 2^a ressalva que entre as finalidades da educação escolar está o “preparo para o exercício da cidadania” (LDB, 1996. Art.2). A referida lei também expõe que uns dos princípios do ensino é o pluralismo de ideias (LDB, 1996, art. 3) que garante ao professor o direito a discutir e defender determinados pontos de vista que não firam os princípios norteadores expostos nos Planos Nacionais de Educação. Ainda no ano de 1996, foi criado pelo Ministério da Educação, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs — documento norteador de como as escolas devem sistematizar seu ensino e de como avaliar os alunos. Juntamente, foram criados os temas transversais dentre eles, o de Orientação Sexual, o que significa que essa temática deveria estar presente nas diversas áreas de estudo, e que essas áreas deveriam buscar metodologias, estratégias pedagógicas e conteúdos que auxiliassem na compreensão adequada de todos os aspectos que são pertinentes a este tema — tabus, diferenças, tolerância e pluralidades (BRASIL, 2000).

Portanto, ainda que os documentos aqui citados representem um avanço na educação e no currículo educacional brasileiro, é necessário transformar no solo da escola a teoria em prática e que, por parte dos agentes escolares¹, sejam estruturados processos educativos que levem os alunos em processo de formação, perceberem que a identidade sexual não é única e que é preciso considerar a existência do outro, que é diferente, possibilitando caminhos para a construção das subjetividades.

Com esse ponto de vista, acerca da sexualidade humana, a referida temática manifestar-se de imensa relevância, uma vez que, nas esteiras do pensar foucoultiano,

É preciso por em questão, novamente, essas sínteses acabadas [...]. É preciso desalojar essas formas e essas forças obscuras pelas quais se tem o hábito de interligar os discursos do homem. É preciso expulsá-las das sombras onde reinam [...] (FOUCOULT, 1987, p. 87).

¹ Considera-se neste estudo como “agentes escolares” todos os atores sociais responsáveis pelo funcionamento da escola – Professores, Coordenadores Pedagógicos e Direção escolar.



Em um estudo desenvolvido por Santos no ano de 2014, foi detectado que tanto professores de Educação Física como alunos não possuem a compreensão de que a homossexualidade é uma expressão natural da sexualidade humana, o que para a autora acarreta na formação de opiniões equivocadas a este respeito, produzindo o preconceito. Este preconceito por vez manifesta a ideia de que o homossexual é um doente, um anormal ou um perverso, deixando-o a mercê de todo tipo de preconceito e estigma.

As observações realizadas por Santos (2014) apontam a fragilidade que o professor de Educação Física possui no trato pedagógico frente aos homoafetivos. Na perspectiva da pesquisadora, as polêmicas na recepção de um jeito diferente de viver encaminham desdobramentos de discriminações e preconceitos contra as minorias sexuais no solo da escola.

Diante de tais afirmações, o referido estudo que floresceu não apenas de reflexões pessoais e questões de interesse social, mas adentra a minha existência diária e atuação profissional nos cursos de licenciatura em Educação Física, teve como objetivo verificar se o tema homossexualismo é problematizado nas aulas de Educação Física, e qual o trabalho desenvolvido pelo professor de Educação Física frente aos alunoshomoafetivos em dez escolas da rede pública estadual de ensino da cidade de Macapá - AP.

CORPO, EDUCAÇÃO E SEXUALIDADE

Verbalizamos no tópico anterior que a instituição escola é compreendida como um veículo responsável pela formação de cidadãos que sejam capazes de respeitar a diversidade e lutarem pela igualdade de direitos e reconhecimento da diferença. Afirmamos ainda, que, por ser considerada como um aparelho ideológico do estado, em seu interior quase sempre é reproduzido os ditames da cultura dominante, e vivenciado relações de poder na busca pela legitimidade de suas ações. E é, justamente nesse espaço que circulam corpos, sujeitos, identidades, poder político e técnicas disciplinares (COSNTANTINO, 2014).

Se concebermos o corpo como uma construção social como preconiza (MILSTEIN; MESNDES; 2010; CARVALHO, 2011; GONÇALVES, 2012), podemos elucidar que cada ator social possui uma narrativa corporal específica, que é construída pelas interações sociais estabelecidas ao longo de sua existência, e que, portanto, as interações sociais estabelecidas no decorrer da vida escolar, contribuem para a construção das narrativas corporais. Entretanto, as



técnicas disciplinares utilizadas pelas escolas, quase sempre fragmentam os movimentos corporais dos alunos e suas possibilidades de comunicação através das narrativas corporais já construídas.

Nesse aspecto, no currículo escolar, quando se problematiza a sexualidade destes corpos, na maioria das vezes, a heterossexualidade é apresentada aos estudantes como tipo ideal a ser seguida. Porém, quando um destes corpos foge da normatividade exigida ou esperada, rompendo com os padrões morais da heterossexualidade, passa a ser compreendido como transgressor da norma, e a estrutura disciplinar escolar por meio de suas infinitas técnicas disciplinares rapidamente trata de interditar essas narrativas corporais.

No contexto da cultura organizacional escolar, propaga-se o discurso do tipo ideal de aluno — o que obedece às regras, que aceita a disciplina calado e que tira notas boas. No entanto, a sexualidade também encontra-se no solo da escola, alunos independentes da idade gostariam de saber mais sobre ela (SCHILLING, 2014; COSNTANTINO, 2014).

Por outro lado, os professores precisam manifestar suas dificuldades para desenvolvimento de um trabalho pedagógico que “[...] tenha como objetivo transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados [...]” (PCNs, 2000).

Compreende Garcia (2000, p. 21), que:

Uma aula dessas, que fala de sexualidade humana, é uma aprendizagem, tanto para o professor quanto para o aluno. Este momento educacional propõe fornecer informações acerca da sexualidade e organizar um espaço de reflexões e questionamentos sobre postura, tabus, crenças e valores a respeito de relacionamentos e comportamentos sexuais. Por isso, abrange o desenvolvimento sexual compreendido como: saúde reprodutiva, relações interpessoais, afetivas, imagem corporal, autoestima e relações de gênero. Enfoca as dimensões fisiológicas, sociológicas, psicológicas e espirituais da sexualidade através das áreas cognitiva, afetiva e comportamental, incluindo habilidades para a comunicação eficaz e a tomada responsáveis de decisões.

Por esse motivo, esse trabalho pedagógico deve ocorrer por intermédio de uma intervenção interdisciplinar, e não individualizada. Assim como necessariamente carece se diferenciar da educação ofertada pela família, uma vez que, precisa possibilitar o diálogo problematizador de diferentes pontos de vista associado à sexualidade, sem a imposição de determinados valores sobre outros (PCNs, 2000).

Por essa razão, que enquanto professores de Educação Física, estamos cientes que a temática do corpo e suas práticas sociais ainda que necessitem de um olhar interdisciplinar, ao promovermos a interdisciplinar não podemos perder de vista a disciplina. Uma vez que,



historicamente o trabalho educativo exercido na quadra de aula desconsidera o sujeito-corpo que atua, suas narrativas corporais, sua gramática de disposições, esquemas, matrizes, e por meio das atividades corporais institucionalizadas, as quais possuem seus gestos técnicos e mecanizados, busca-se corporificar habilidades, destrezas, imagens, sentimentos, normas, regras, valores, informações, que quase sempre implicam relações sociais de dominação.

NATUREZA DA PESQUISA, MÉTODO E RESULTADOS

Esta pesquisa é de abordagem qualitativa, por trabalhar com a percepção subjetiva dos professores acerca do processo do trabalho pedagógico desenvolvido junto aos alunos homoafetividade nas aulas de Educação Física. Clarificamos que a escolha pela pesquisa qualitativa se justifica por acreditarmos que essa vertente metodológica permite compreender o problema deste estudo sem criar situações artificiais que falseiam a realidade e levam a interpretações equivocadas, bem como por compartilharmos com o pensamento de Flick (2009). Esse autor defende que a pesquisa qualitativa tem por objetivo responder a questões particulares, preocupando-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Assim, permite considerar os sentimentos atribuídos pelos professores a partir das experiências vivenciadas sobre o processo pedagógico frente aos homoafetivos.

Como técnica de coleta de dados utilizamos a entrevista semiestruturada individual. Na perspectiva de Gil (2013) a entrevista semiestruturada permite visualizar os relatos verbais dos sujeitos, valorizando-os e por meio deles obter informações e experiências dos professores e conhecer os seus comportamentos; e ainda, dá ao pesquisador oportunidade para um cuidado maior na comunicação das questões em oferecer informações.

As referidas entrevistas foram realizadas com dez professores de Educação Física que atuam em dez escolas da rede Estadual de Ensino da cidade de Macapá. É mister salientar que os referidos professores declararam-se ser do sexo masculino e possuem experiência profissional que varia de 3 a 22 anos.

Os dados coletados com a entrevista semiestruturada foi conduzida apoiando-se na análise clássica, um método de exame de textos que considera a qualidade e quantidade do material, argumentando primeiro os “tipos”, “qualidades”, e “distinção” no texto e também frequência com que surgem. As características sintáticas, por exemplo, o frequente emprego das palavras com sentidos associados, apresentada de um corpo de textos, que possa inferir valores, atitudes, estereótipos, símbolos e cosmovisões foram consideradas. Assim, a análise de conteúdo foi além da



classificação das unidades de texto para a construção de redes de unidades de análises. Buscou-se representar conhecimento não apenas por elementos, mas também em suas relações conforme descritos por Bardin (2011).

Elucidamos que a fundamentação teórica foi consultada concomitantemente para confrontar com os exemplos de interpretações obtidas por meio da análise qualitativa servindo de subsídio na análise e discussão dos resultados. Pretendeu-se fazer um trabalho intuitivo e criativo, parte essencial da pesquisa qualitativa. Levou-se, em conta o conhecimento teórico, habilidade e sensibilidade e buscou-se não perder a visão do texto e os objetivos perseguidos.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O HOMOAFETIVO INVISIVEL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Nessa categoria trabalhamos com a percepção dos professores quanto à presença dos homoafetivos nas aulas de Educação Física. Sabe-se que no contexto da sociedade do século XXI, a instituição educativa exerce um papel fundamental tanto para a inclusão como para a socialização dos indivíduos. Nesse interim o currículo escolar deve contemplar o dito, o explícito e o oculto no trama da vida em sociedade que de alguma forma orienta as escolhas e decisões dos indivíduos. Como bem pontua, Milstein e Mendes (2010) é inconcebível que no decorrer do processo pedagógico, o educador não atente para a significação do discurso formador de que faz uma escola respeitar e valorizar sua comunidade dentro de sua cultura organizacional, uma vez que a eloquência do discurso pronunciado verbalmente ou corporalmente contribui para organização do currículo escolar.

Entretanto, mesmo diante das circunspeções de Milstein e Mendes (2010), que vão ao encontro das ponderações de Furlani (2011), os participantes da pesquisa destacam não estarem atentos as falas verbas e corporais específicas, já que para eles a escola não deve fazer distinção e nem dá tratamento diferenciado a qualquer aluno, o que nos levou a criação da referida categoria de análise.

A seguir, apresentamos trechos de alguns relatos que ilustram esse aspecto:

Creio que a escola seja um lugar de todos, é isso que diz a Constituição Federal e a LDB. Portanto, não gosto desse negócio de dar mais atenção para um porque se diz diferente (**PROFESSOR – 1**).

A escola por estar localizada no centro, recebe alunos das mais diversas condições, econômicas, sexuais, religiosas. Nosso projeto pedagógico é laico e nossa escola é democrática, trabalho com os PCNs, mas falar de sexualidade é polêmico prefiro não trazer para a aula, apenas busco fazer todos se sentirem incluídos, quando vejo alguma coisa fora do normal busco desviar o olhar (**PROFESSORA – 10**).



Minhas aulas são baseadas no afetivo social com o intuito de conscientizar os educandos a interagirem e a respeitarem as opções sexuais de cada um (**PROFESSOR – 6**).

Esses depoimentos revelam que mesmo diante do discurso pedagógico moderno em que as abordagens contemporâneas para a educação sexual² e os pressupostos teóricos e políticos de uma educação sexual de respeito às diferenças em que argumentam a favor de um currículo pós-crítico, alguns educadores ainda fecham os olhos para o dito, o explícito e o oculto no decorrer da vida escolar, e acabam por corroborar com os apontamentos Foucaultianos (1996), quando afirma que existe em nossa sociedade um princípio de exclusão que por sua vez acaba por gerar certa separação e rejeição de determinados discursos sejam eles verbais ou não. Uma vez que, os princípios da exclusão determinam as características dos sujeitos que deverão ser considerados anormais, cujo discurso não poderá circular como os dos outros, e suas palavras terão que ser anuladas, por serem compreendidas como não verdadeiras e nem importantes.

Tendo em vista o exposto, é possível sustentar que mesmo que a escola pública seja um lugar de trânsito livre a todos aqueles que há ela procuram, a ação educativa deve ser singular para valorizar modos de ser e viver específicos e ao mesmo tempo plural para não alienar os alunos no decorrer do processo educativo (GONÇALVES, 2012; CORREIA, 2013).

A HOMOAFETIVIDADE COMO DISCURSO DA RECUSA

Após a análise de conteúdo a categoria de análise “a homoafetividade como discurso da recusa” evidenciou-se na fala dos professores. Embora explicitamente no depoimento desses professores não tivesse declarada a recusa pelos homoafetivos no decorrer das suas aulas, a não preocupação em trabalhar temas direcionados a esse público foi marcante nas suas falas. Aquino, et al (2008) reconhece a existência de uma grande complexidade e falta de explicações comprovadas a respeito da questão homoafetiva feminina ou masculina, porém, para o autor, todas as áreas sejam elas de natureza biológicas, psicológicas, sociais e até mesmo religiosas, ao longo dos percalços da história tem buscado uma forma de explicar o que acontece com as pessoas homoafetivas, cada uma dentro de suas concepções. Entretanto, a análise de conteúdo trouxe à tona, que no texto das escolas investigadas, esse tema não é entendido como relevante, mesmo os professores reconhecendo a

² Abordagem biológica-higienista; abordagem moral-tradicionista; abordagem terapêutica; abordagem religiosa-radical; Abordagem dos Direitos Humanos; Abordagem dos Direitos Sexuais; Abordagem Emancipatória; Abordagem *Queer*. Ver em: FURLANI, J. **Educação sexual na sala de aula**: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.



presença dos alunos homoafetivos em suas aulas. Como é observado, nos fragmentos abaixo das entrevistas com alguns professores:

Hoje em dia tudo é cotas, tudo é processo, tudo é crime. Sou de um tempo em que não existe essas coisas, para entrar no curso de Educação Física tinha que ser macho de verdade e mulher guerreira, hoje o aluno faz aula prática se quiser. Então prefiro com a ajuda da prática esportiva colocar todos juntos e assim homem continua sendo homem e mulher continua sendo mulher. É bom pra mim é bom pra eles (**PROFESSOR – 1**).

Busco não trazer essas questões para minha aula. Acho melhor outros professores abordarem o tema (**PROFESSOR – 4**).

Não acho relevante abordar o tema, acho que mais prejudica o aluno do que ajuda, afinal, depois da aula ele que sofre as consequências, mesmo porque eles são, mas dizem que não, então, quem sou eu para dizer o contrário. Esse negócio que o corpo fala é mentira, quem fala mesmo é a boca e enquanto ela não se manifesta na minha aula nada posso fazer (**PROFESSOR – 3**).

Esses relatos mostram a dificuldade que os entrevistados têm para abordar a temática homoafetividade no decorrer de suas aulas, fazendo com que o discurso da recusa, do de transferência de responsabilidades prevaleça. No depoimento **do professor – 4** essa questão fica latente. Enquanto, que no depoimento **do professor – 3**, o significado negativo se desdobra em recusa para se trabalhar o tema, sendo que o mesmo justifica não trabalhar o tema por ser prejudicial ao próprio aluno. Entretanto, Hall (2003) explica que no decorrer do ato pedagógico a negociação e a participação de qualquer reivindicação de uma cultura particular implicam na aceitação de um sistema de diferenças.

A partir da discussão teórica deste trabalho e da análise do conteúdo das entrevistas, é possível compreender que o trabalho dos professores de Educação Física frente aos homoafetivos é praticamente inexistente, e essa temática ainda se constitui em tabu no ambiente educativo. Para Aquino, et al (2008); Diniz (2011) e Rangel (2013), quando o professor não apresenta nenhuma atitude efetiva no sentido de impedir as discriminações por parte dos outros alunos, acaba colaborando com a discriminação daqueles que não tem um comportamento ou perfil igual ao que a sociedade estabeleceu.

Infelizmente os discursos dos professores revelam que a temática da sexualidade no ambiente escolar encontra-se em uma rede complexa a qual a falta de compreensão faz com que alguns educadores rejeitem e oprimem os alunos homossexuais, fazendo com que muitos deles para se manterem na escola tenham que desenvolver um nível elevado da capacidade emocional, manter silenciado e, em alguns aspectos, mentir sobre si mesmo (RANGEL, 2013).

A IGUALDADE QUE DESCARACTERIZA O HOMOAFETIVO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18

FORTALEZA - CE

Esta categoria originou-se do depoimento dos professores quanto às relações interpessoais intermediadas por eles entre os alunos homoafetivos e os heterossexuais no decorrer de suas aulas. No discurso pedagógico dos entrevistados a palavra **igualdade** em vários momentos evidenciou-se, entretanto, a após o processo de análise de conteúdo dos referidos depoimentos, o que ficou nítido é que o tratamento Igualitário o qual os professores buscam oferecer no decorrer do processo pedagógico desencadeando no interior das dez escolas investigadas acaba por descaracterizar o aluno homoafetivo por não respeitar suas singularidades. Nas palavras do professor – 1 essa igualdade que viola a singularidade e consequentemente descaracteriza o aluno homoafetivo fica bem explícito “Trato todos iguais sem distinção, por isso não falo nem de preto, nem de gay (**PROFESSOR – 1**). As palavras do professor – 9 são tão forte quanto “Eu sou professor de Educação Física, nossa tarefa é abordar a cultura corporal, trato todos iguais, apenas isso” (**PROFESSOR – 9**). Santos (1999) é enfático ao afirmar que no contexto da multiculturalidade em que modos de ser e viver precisam ser respeitados, e por extensão valorizados, o tratamento igualitário quando não se limita ao plano do direito corre um grande risco de descaracteriza os indivíduos por não levar em consideração suas particularidades físicas, psíquicas, sociais, sexuais e étnicas, para o autor “devemos ser tratados iguais todas as vezes que a diferença nos inferioriza e sermos tratados diferentes todas as vezes que a igualdade nos descaracteriza” (p. 9). Assim sendo, fica nítido que o trabalho desenvolvido pelos professores de Educação Física no interior das escolas investigadas, tem sido pautado no discurso de uma igualdade que vem contribuindo para descaracterização e desvalorização do homoafetivo em suas aulas. A seguir, apresentamos trechos de alguns relatos que ilustram ainda mais esse aspecto:

[...] Acho que temos tantas coisas para nos preocupar, que são mais o tão importantes quanto, então não sinto necessidade de falar deles somente, falo de todos, afinal nós não somos iguais! O Brasil não é democrático, sou professor e vivo a igualdade e a cooperação (**PROFESSOR – 8**).

[...] Acho que esse tema já rendeu muitos debates, aqui na escola já até cogitaram a possibilidade de fazer um banheiro só pra eles. Eu em particular acho desnecessário até porque eles são homens ou mulheres em qualquer situação. Acho melhor tratar todos iguais (**PROFESSOR – 2**).

Esses depoimentos revelam certa fragilidade no fazer pedagógico do professor de Educação Física quanto ao trabalho desenvolvido frente aos homoafetivos no decorrer de suas aulas. Uma vez que, seja de forma declarada ou nas entrelinhas de suas falas pode-se perceber a reprodução do discurso de uma sociedade com padrões euroamericanos, masculina, letrada e heterossexual. Neira (2011)



afirma que no decorrer do processo pedagógico estar disposto a problematizar as representações distorcidas quanto às questões das diferenças humanas é algo raro.

Os depoimentos dos referidos professores nos fazem perceber que apenas identificar a presença do homoafetivo nas aulas de Educação Física não é garantia de reconhecimento de suas singularidades, de seu repertório cultural corporal, ao contrário, a identificação de sua presença sem a tematização no currículo poderá se constituir em uma violência velada ou simbólica. Rangel (2013) nos ajuda na referida análise, nos recordando a existência de questões discriminatórias específicas que poderão ser percebidas pela mera inclusão no currículo de questões que necessitam de um trato pedagógico mais específico, como é o caso da homossexualidade, que ao abordar a temática ou até mesmo ao se atuar com a educação desse grupo de sujeitos, cabe ao educador fazer emergir pontos para questionamentos, das práticas corporais com as quais os alunos se identificam.

AS ESCOLAS DE MUITOS E AS AULAS DE ALGUNS POUCOS

A última e não menos importante categoria identificada ao longo da análise de conteúdo realizada das falas dos depoentes, foi “as escolas de muitos e as aulas de alguns poucos”, tal categoria foi evidenciada em virtude de que as escolas pesquisadas receberem alunos dos mais variados grupos sociais e em sua maioria oferecerem um processo pedagógico que inclui alguns poucos. As palavras do professor – 1 deixa evidente como o processo pedagógico da exclusão se processa: “Trabalho em uma escola “periférica” em que os alunos vivem perto de tudo que não presta, a escola é obrigada a recebê-los, mas na minha aula eu digo as regras, quem não segue, não faz as atividades” (**PROFESSOR – 1**). Nas ponderações do professor – 8 tal processo se reafirma, faz com que a escola que recebe muitos alunos ofereça aulas para alguns poucos. “Da minha aula ninguém é obrigado a participar, faz quem quer” (**PROFESSOR – 8**).

Diante dos apontamentos dos referidos educadores é inevitável não recorremos aos ensinamentos da “Pedagogia do Oprimido”, Freire (2005), quando afirma que é de fundamental importância que o educador conheça e reconheça a forma de viver do aluno, não para ser como ele, mas sim, reconhecer e valorizar os saberes dela provenientes, favorecendo a sua valorização, ampliação mediante o entrecruzamento com o repertório disponível em outras culturas. Daí a importância de articular as ações didáticas da Educação Física que consideram não só o patrimônio cultural corporal do aluno, mas as próprias escolhas que ao longo da vida são realizadas. Seja elas, voluntárias ou involuntárias (NEIRA, 2012).



Na sombra do pensamento freireiano, no momento em que o educador identifica e reconhece o patrimônio cultural do aluno, passa a valorizar como agente do processo de construção do conhecimento. O que para Neira (2011) contribuir para construção de um currículo cultural da Educação Física, fazendo com que a escola e as aulas de Educação Física sejam um lugar não apenas de passagem, mas um ambiente em que o aluno se identifique e que se sinta dele participante. O que não foi possível perceber nas falas dos professores por nós entrevistados.

A escola é de todos, o problema que nem todo mundo quer participar das aulas. Quando dou aula de futsal têm dois ou três que se sentam, se é de dança a maioria, não posso fazer nada, trabalho com aqueles que querem estudar (**PROFESSOR – 9**).

Acho muito bom o teu tema, mas a nossa sociedade é masculina e feminina. E na verdade não existe nenhuma atividade que não se possa participar meninos e meninas, então, não me preocupo com isso (**PROFESSOR – 6**).

Como se pode observar, o discurso dos professores é generalista, os mesmos compreendem a existência de um núcleo comum nas atividades propostas que dispensa qualquer trato pedagógico mais específico, e chegam a culpabilizar os alunos pela não participação nas aulas. Lima e Neira (2010) contribuem com essa discussão pontuando que é de fundamental importância que os professores não trabalhem às cegas, tampouco desenvolvam ações didáticas por sua conta e risco. É necessário que eles diante das adversidades busquem apoio tanto em teorias especializadas como em profissionais capacitados para auxiliá-los.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola por receber crianças e jovens no seu processo de formação de identidades deveria tratar a questão do homoafetivo com mais profundidade e não com uma questão “apêndice” do currículo. Os depoimentos dos dez professores entrevistados no decorrer do estudo mostraram que em nenhuma das escolas existe um trato pedagógico nas aulas de Educação Física para a questão da homoafetividade, que o trabalho do professor de Educação Física quase sempre se manifesta como inexistente haja vista o discurso intenso do tratamento igualitário por eles realizados.

No decorrer da análise dos dados encontrados não foi possível identificar nenhuma atividade específica que levasse a problematização e reflexão da homoafetividade ou até mesmo da sexualidade de forma mais genérica nas aulas, muito embora todos os participantes identificassem a presença do homoafetivo em suas aulas. Pelo contrário, o que ficou evidente foi um discurso da igualdade que descaracteriza o aluno homoafetivo no decorrer das aulas. Sendo que para Foucault (1988), a identidade não é algo dado, mas encontra-se em permanente construção e realiza-se nos vários espaços públicos por onde os indivíduos circulam, negociam e renegociam com os outros. O



que ao nosso entender necessita urgentemente ser ressignificada nos estabelecimentos de ensino por nós investigados.

Recomendamos aos professores em especial de Educação Física os quais foram o foco de atenção desse estudo, que ao se depararem com situações adversas do decorrer do seu fazer pedagógico que não se esquivem da situação que a primeira vista se apresenta como um problema sem solução, mais que busquem subsídios junto a própria escola e demais instituições e profissionais capacitados para que possam desenvolver uma ação pedagógica com ética e sem imposição de valores absurdos.

Recomendamos ainda aos programas de formação de professores de Educação Física que trabalhem a sexualidade em seus currículos de forma dicotomizada e passem a abordar o corpo e a mente de forma mais coesa. Formando seus alunos para trabalharem diante da complexidade humana. Portanto, a nosso ver, essas questões que são mais generalistas devem ser problematizadas com a atuação na área. Ou seja, os professores do curso de graduação em Educação Física devem provocar a interdisciplina sem que o acadêmico perca a disciplina.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO:

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Brasília, DF: Senado, 1996.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Brasília: Ministério da educação/Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2000.

CARVALHO, R. M. **Corporeidade e cotidianidade na formação de professores**. Niterói: Editora da UFF, 2011.

CONSTANTINO, C. K. Homoafetividade também frequenta a escola, mas por favor não assumam a sua homossexualidade pois você pode ter prejuízos à sua imagem. In: **X ANPED SUL**, 2014, p. 1-14.

CORREIA, M. S. **Educação Física escolar no contexto da Educação popular na Escola Pública: a construção da realidade desejada na imperfeição do fazer diário**. 247 f. Tese de (Doutorado) - Educação Física. Departamento de Educação Física - USJT, São Paulo 2013.

DINIZ, A. V. **A homoafetividade nas aulas de Educação Física: e agora? Educação e Realidade**, v, 26, n 1, p. 71-90, 2011.



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18
FORTALEZA - CE

- FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FONTANA, R.A **coação. Como nós nos tornamos professores?**. Belo Horizonte: Atêntica, 2000.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução. Luiz Felipe Baeta Neves. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Forense-universitária, 1987.
- FOUCAULT, M. **A história da sexualidade: a vontade de saber**. 2ª. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso** – Aula inaugural no College de France. Pronunciada em 2dedezembro de 1970. São Paulo. Ed. Loyola: 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FURLANI, J. **Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- GARCIA, W. **A forma estranha: ensaios sobre cultura e homoerotismo**. São Paulo: Edições Pulsar, 2000.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisas**. São Paulo: Atlas, 2013.
- GONÇALVES, M. A. S. **Sentir, Pensar, Agir: corporeidade e educação**. 15ª. ed. Campinas-São Paulo: Papyrus, 2012.
- HALL, S. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representações da Unesco no Brasil, 2003.
- LIMA, M. E; NEIRA, M. G. O currículo da Educação Física Escolar como espaço de participação coletiva e reconhecimento da cultura corporal da comunidade. **Revista Iberoamericana de Educación**, Madrid, V. 51, n. 5, p. 01-10, 2010.
- MILSTEIN, D; MENDES, H. **Escola, Corpo e Cotidiano Escolar**. São Paulo: Cortez, 2010.
- NEIRA, M. G. **A reflexão e a prática no ensino da Educação Física**. São Paulo: Blucher, 2011. (Coleção A reflexão e a prática no ensino V. 8).
- NEIRA, M. G. **Ensino de Educação Física**. São Paulo. Thomson Learning, 1999. (Coleção idéias em ação/coordenadora Anna Maria Pessoa de Carvalho).
- NEIRA, M. G. NUNES, E. L. F. **Pedagogia da Cultura Corporal**. São Paulo: Phorte, 2006.
- NEIRA, M. G. **O currículo cultural da Educação Física em ação: a perspectiva de seus autores**. Tese (Livre-Docência) Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo. São Paulo: FEUSP, 2012.



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18

FORTALEZA - CE

RANGEL, I. C. R. Educação Física e Educação Física Escolar: uma história de glórias medalhas e ...exclusões. In: MOREIRA, E. C. (Org.). **Educação Física Escolar: desafios e propostas I**. 2ª ed. Ampliada. Jundiaí, SP: Fontoura, p. 2009. 213-228.

RANGEL, M. **A escola diante da diversidade**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

SANTOS, B. V. S.. **A globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 1999.

SANTOS, P. J. M. B. **O papel do professor de Educação Física frente aos alunos homoafetivos**. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Educação Física) - Centro de Ensino Superior do Amapá –CEAP, 2014.

SCHILLING, F. **Educação e Direitos Humanos: percepções sobre a escola justa**. São Paulo: Cortez, 2014.

